

HISTÓRIA E ETNICIDADE: APONTAMENTOS SOBRE A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS IDENTITÁRIAS EM UMA COLÔNIA DE REFUGIADOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO PARANÁ¹

Marcos Nestor Stein²

Resumo

Localizada no município de Guarapuava, Estado do Paraná, a Colônia Entre Rios surgiu a partir da vinda e fixação, em 1951, de refugiados da Segunda Guerra Mundial, que se identificam como Suábios do Danúbio (*Donauschwabern*). No Paraná, verifica-se a produção e reprodução de narrativas que visam preservar essa identificação. Este texto aborda algumas narrativas que produzem a identificação suábica-danubiana nesta Colônia.

Palavras-chave: Suábios do Danúbio; colônia entre rios; identidade.

Refletir sobre a construção e manutenção de identidades étnicas é pensar em processos por meio dos quais pessoas elaboram significados sobre si, situando-se como pertencentes a um determinado grupo. Nesse sentido, temos, por exemplo, a elaboração e divulgação de narrativas sobre o passado, sobre o presente e as projeções de futuro - que envolvem sentimentos como angústia, nostalgia e esperanças. Tais narrativas, que podem ser veiculadas por meio da rádio, televisão, jornais, revistas e livros, encontram

¹ Este texto contém partes da minha tese de doutorado em História intitulada “O Raiar do Oitavo Dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios, Pr (segunda metade do século XX).” Orientador: Prof. Dr. João Klug.

² Graduado em História pela UNIOESTE, mestre e doutor em História pela UFSC. Professor do Curso de História da UNIOESTE. Rua Pernambuco, 1777, Centro. Cep: 85960-000. Marechal Cândido Rondon, Pr. E-mail: mancha36@hotmail.com

suporte, especialmente em momentos comemorativos, em locais como museus e escolas.

Portanto,

As identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2000, p.109).

Nessa perspectiva, este texto aborda a produção e divulgação de algumas narrativas identitárias produzidas sobre os suábios do Danúbio, grupo que formou a Colônia Entre Rios, situada no município de Guarapuava, Centro-Sul do Estado do Paraná. Constituída por cinco vilas, Vitória (a sede), Cachoeira, Jordãozinho, Samambaia e Socorro, a colônia tem sua gênese a partir da vinda, no início da década de 1950, de cerca de 2.500 pessoas, na cuja condição de refugiadas da Segunda Guerra Mundial. Tais pessoas, que se identificam como suábios do Danúbio (*Donauschwabern*), considerado pelo historiador Josef Volkmar Senz (1979) como o mais jovem grupo étnico germânico, eram oriundas da antiga Iugoslávia, Romênia e Hungria.

O elemento central de identificação deste grupo são as narrativas acerca do seu passado. Nelas, aparece o vínculo com a Alemanha em razão de seus antepassados serem oriundos do Sudoeste deste país, os quais, após a expulsão dos turcos da região do Danúbio Central (século XVIII), ocuparam essa área, que passou a fazer parte do Império Austro-Húngaro.

Um exemplo desta narrativa pode ser encontrado na página eletrônica da cooperativa da colônia, a Cooperativa Agrária Agroindustrial:

Os suábios do Danúbio são um povo de etnia germânica. Sua origem é a "Suábia" (Schwabern), uma antiga região européia, germânica, que hoje corresponde ao Estado alemão de Baden-Württemberg (Sudoeste da Alemanha). Durante o Império Austro-Húngaro (quando ainda não existia a Alemanha como um país independente), por volta de 1729, os suábios

participaram de um projeto de colonização de regiões do Sudeste da Europa que haviam sido reconquistadas aos turcos. Desta forma, deixaram sua região de origem e desceram de barco, pelo rio Danúbio, até aquelas terras, que por sua vez representam hoje algumas das ex-repúblicas que formavam a Iugoslávia. Por esta razão, eles ficaram conhecidos como suábios "do Danúbio". (AGRÁRIA, 2007).

Cabe destacar, conforme Albert Elfes (1971, p. 18), no livro intitulado “Suábios do Danúbio no Paraná,” que o grupo não provinha originalmente apenas do Sudoeste da Alemanha, mas de outras regiões deste país. Elfes afirma que essa denominação, que começou a ser usada somente a partir de 1922, se deve ao fato de que todos embarcavam no rio Danúbio, na cidade suábia de Ulm.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, após serem expulsos de seus lares, milhares de suábios do Danúbio fixaram-se em campos de refugiados situados na Áustria. A maioria dos integrantes do grupo foi conduzida pela entidade denominada *Auxílio Suíço à Europa (Schweizer Europahilfe)* para diferentes regiões da Europa e América. Após negociações com autoridades brasileiras e paranaenses, 500 famílias, em torno de 2.500 pessoas, foram trazidas para o Paraná, onde fundaram a Colônia Entre Rios, em 1951. (ELFES, 1971, p.23)

Ao todo foram sete grupos de imigrantes, sendo que o primeiro navio, o *Provence*, com 222 pessoas, partiu de Gênova em 22 de maio de 1951 e chegou ao porto de Santos no dia 6 de junho, de onde os suábios seguiram viagem de trem até Guarapuava. Este grupo era composto por agricultores, artesãos, operários, motoristas, bem como pelos membros dirigentes da colônia e da “Ajuda Suíça a Europa”. Alojados provisoriamente em um colégio em Guarapuava, iniciaram a construção das cinco vilas divididas em lotes, cujo tamanho era de 1/2 hectare, espaço reservado para a construção de uma casa e também para a formação de hortas e pomares (ELFES, 1971, p. 49). Com relação à infra-estrutura das vilas, dispostas na forma de um pentágono e distantes cerca de 4 a 5 km entre si, Remlinger e Wilk (1986, p. 43) comentam que (...) *em cada uma*

encontravam-se uma escola, uma igreja, um armazém, um bar, uma ferraria, um cemitério e um campo de futebol (...).

Inicialmente, o trabalho foi realizado coletivamente sob a coordenação da Agrária, tanto na construção das casas e estradas quanto nos campos e lavouras. Foram utilizados tratores na preparação da terra para o cultivo de cereais, especialmente o trigo e o arroz (ELFES, 1971, p.48). De acordo com Rolf Odebrecht, engenheiro agrônomo e funcionário do Banco do Brasil, que atuou na colônia entre 1952 e 1955, foram constituídas sete cooperativas.

A cooperativa central com seis filiadas. Eram cinco aldeias, cada aldeia tinha sua cooperativa. A sexta cooperativa filiada era a dos não-agricultores. Ela era formada pelos motoristas, artesãos, pessoal que trabalhava na serraria, na usina elétrica movida a máquina a vapor, (à lenha), na marcenaria, na oficina que consertava os tratores e caminhões e o pessoal do escritório e alguns comerciantes, que juntos formavam a sexta cooperativa filiada. (ODEBRECHT, 2005).

Elfes (1971) afirma que a colônia sofreu, nos primeiros anos, várias crises de ordem financeira, de relacionamento entre os dirigentes e os colonos e decorrentes das más colheitas, ocasionadas por problemas climáticos e também técnicos.

(...) No primeiro ano de cultivo, as terras nem sempre reagiam como se havia esperado; freqüentemente faltavam adubos e implementos importantes. Os arados e outros equipamentos trazidos da Alemanha para a tração animal eram próprios para o pesado cavalo europeu e para os solos de cultura antiga; nem sempre correspondiam às novas necessidades de uso em Entre Rios ou, então, mostravam-se muito pesados para os leves cavalos regionais. (ELFES, 1971, p. 55).

Para Elfes (1971, p. 58), tais dificuldades foram a principal causa da reemigração de 32 famílias de agricultores e 28 “não agrícolas”, ocorrida entre os anos de 1953 e 1954.

Em 1953, o Paraná comemorava o centenário de emancipação política do Estado. Neste contexto, foram produzidos e divulgados discursos que apresentam imagens de um Estado que se encontrava num ritmo acelerado de desenvolvimento. No bojo das comemorações houve várias publicações que mostravam a pujança do Estado

que estava completando seu centenário. Duas delas apresentaram reportagens detalhadas sobre a recém fundada colônia Entre Rios. Trata-se da *1º Centenário da Emancipação Política do Paraná* e a Revista *Ilustração Brasileira*.

A primeira é dividida em vários textos, sendo que cada um aborda um tema paranaense: história do Paraná, literatura, ensino, artes plásticas e literatura, ciências e os aspectos econômicos. O artigo intitulado *Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná*, redigido por José Nicolau dos Santos, professor catedrático da Faculdade de Direito e de Geografia Humana, na Universidade do Paraná, apresenta uma visão panorâmica da história dos núcleos de imigrantes no Estado, destacando suas origens, maneiras de ocupação do solo e a produção agrícola.

Santos afirma ser a colônia Entre Rios um exemplo de um sistema original de colonização. Seu argumento é o seguinte:

(...) Tem ela a base orgânica de uma *cooperativa de produção*, ou seja, nela não predomina decisivamente nem o fator *trabalho* nem o fator *capital*. É um esforço conjugado de ambos. É uma cooperação desses duplos elementos de produtividade que se aliam à *natureza*, como terceiro fator, para desenhar um novo e curiosíssimo estilo em empresa colonial. (SANTOS, 1953, p. 99).

A seguir, Santos (1953, p.100-101) descreve a forma como ocorre a divisão de tarefas na colônia, sob a coordenação da cooperativa, os valores despendidos para a compra de máquinas e também para custear o plantio e a colheita do trigo, arroz, batatas linho e aveia. Por fim, apresenta um trecho de um relatório enviado pelo geógrafo Ernesto Pujol à Câmara de Expansão Econômica do Paraná:

(...) Comemos o pão feito na padaria da colônia com trigo semeado seis meses antes. (...) A impressão que se tem dessa colônia é a de um milagre feito à vista do público, a de uma demonstração prática das possibilidades de serem os milagres planejados executados. Quem pensaria, em junho de 1951, apenas seis meses depois, nos campos a vinte quilômetros de Guarapuava, comer-se-ia o pão nesse intervalo brotado da terra, de sementes nela lançadas por alemães foragidos da Iugoslávia e que então se encontravam na Áustria? Os colonos fazem esforços tremendos para aprender o português, que vão misturando com francês e inglês, mas as crianças já dizem “bom dia” e “muito obrigado”. O sentimento geral é de

alívio por estarem a milhares de quilômetros distanciados da Europa, dos bombardeios e invasões. O problema do Brasil é, em toda a parte, um problema de povoamento. Se uma iniciativa como essa, de que resultou a fixação de dois mil alemães nos arredores de Guarapuava, fosse desdobrada e multiplicada, este País se organiza da noite para o dia. (SANTOS, 1953, p. 101).

Trata-se de um discurso exemplificador. Ele reforça a imagem de que Entre Rios representaria um exemplo para o Paraná e para o Brasil em dois aspectos: o sucesso econômico representado pela produção de trigo e o esforço dos imigrantes para aprenderem a língua portuguesa, o que demonstra sua tendência em se juntar (e melhorar) a sociedade paranaense e brasileira.

Semelhantes elementos discursivos podem ser encontrados na *Ilustração Brasileira*. Sob o título *Frutos de nova orientação agrária. A colonização alemã no planalto de Guarapuava*, o texto destaca que a vinda dos suábios do Danúbio era consequência das intenções do governo para desonerar a economia nacional dos gastos com a importação de trigo. Os imigrantes são classificados como tendo (...) *aptidões pessoais e físicas, adaptadas às nossas condições ecológicas*. (ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1953, p.161)

O texto menciona também a “calorosa” recepção que os suábios receberam ao chegar a Guarapuava, o que demonstrava (...) *a satisfação de podermos contar com elementos de tão alto valor, integrando a sua sociedade* (ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1953, p.161). Essa afirmação, que pressupõe um processo de junção entre os nativos e os imigrantes, é reforçada com a apresentação de uma fotografia que mostra um grupo folclórico suábio. A fotografia é acompanhada com a afirmação de que as 500 famílias (...) *prometem se radicar no Brasil e fazer de seus filhos bons brasileiros* (ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1953, p.161).

Fig. nº 1: Fotografia “suábios na colônia Entre Rios”.



FONTE: (Revista Ilustração Brasileira. 1953, p. 161)

Na mesma página da publicação, há outra fotografia com três mulheres suábias.

Logo abaixo a inscrição é a seguinte: *Há um sorriso permanente iluminando os trigais da Colônia Entre Rios – Guarapuava – Paraná.* (ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1953, p.161)

Fig.º 2: Fotografia “Mulheres Suábias na Colônia Entre Rios”.



FONTE: (Revista Ilustração Brasileira. 1953, p. 161)

Como se pode perceber nas imagens, dois elementos registram o modo como estava sendo percebida a inserção dos suábios na sociedade paranaense: de um lado, a sua integração; de outro, a manutenção de sua identidade étnica, simbolizada pelos trajes típicos. A frase atribuída ao governador do Estado naquele período, Bento Munhoz da Rocha, resume esta visão: *Ninguém pode ser um bom brasileiro se não honrar sua herança cultural* (LEICHT; VETTER, 1982, p.5). O Paraná, assim, seria uma espécie de mosaico de povos, pois cada qual deveria se esforçar para preservar seu patrimônio cultural próprio.

Outro aspecto que deve ser levado em conta é o caráter comemorativo dessas publicações. Como geralmente acontece nestas ocasiões, não há o propósito de veicular informações “inoportunas.” Não são momentos de apresentar o dissenso, mas de reforçar imagens positivas, no caso dos suábios, de mostrar o êxito da colônia inserido numa imagem idealizada de um Estado que estaria no rumo certo, em seu caminho de desenvolvimento.

Naquele ano houve o parcelamento e distribuição das terras na colônia, que até então eram trabalhadas coletivamente. O parcelamento foi realizado sem levar em consideração o relevo e a qualidade do solo. Tal medida resultou, para muitos colonos, em graves problemas para se manterem como proprietários. Neste período, 9% dos agricultores e um terço de todas as famílias de artesãos abandonaram Entre Rios (KOHLHEPP, 1991, p.115). Esse fenômeno ocorreu de forma mais efetiva a partir de 1958, e (...) *alcançou seu ponto culminante em 1962, com 42 famílias, ficando, por muito tempo, maior que o acréscimo natural da colônia* (ELFES, 1971, p. 58).

Dentre os motivos para esse êxodo, o geógrafo alemão Gerd Kohlhepp (1991, p.115) destaca o parcelamento das terras em função de heranças. De acordo com ele, devido ao fato de as áreas tornarem-se cada vez menores e isso inviabilizava

economicamente a mecanização, muitos agricultores então venderam suas terras e abandonaram a colônia.

Na avaliação do geógrafo, outro aspecto desse fenômeno, principalmente na primeira metade dos anos 60, foi a conseqüente divisão entre suábios que conseguiram, por meio de arrendamento e depois a compra, aumentar sua área de terras, e aqueles que viam suas propriedades diminuírem a cada partilha. Para ele, (...) *o grupo étnico-social dos suábios do Danúbio foi, pelo crescente potencial de conflitos, levado a uma crise latente, que colocava em perigo a coesão do grupo* (KOHLHEPP, 1991, p.115).

Em 1966, quando Mathias Leh assumiu a presidência da cooperativa Agrária, foi elaborado um projeto de reestruturação econômica e cultural. De acordo com o Engenheiro Agrônomo Anton Gora, (2005) esse projeto teve início quando a cooperativa Agrária adquiriu áreas mais distantes da colônia, que foram vendidas para alguns cooperados.

A aquisição das áreas se deu por meio da criação, em 1968, da cooperativa do *Fundo Fundiário*, órgão que financiava a compra das áreas a serem revendidas aos associados. De acordo com Elfes, o sistema funcionava da seguinte forma:

(...) a Cooperativa compra dos minifúndios, as miniparcelas situadas dentro de Entre Rios, oferecendo, ao mesmo tempo, outras glebas maiores, fora do perímetro, com dimensões que variam entre 110 a 150 hectares. Concomitante, oferece créditos a longo prazo, até 12 anos, para o desenvolvimento das glebas recém adquiridas. As miniparcelas compradas dentro da Colônia servem para completar outros estabelecimentos pequenos ou médios, situados dentro do perímetro. Desta forma, os suábios do Danúbio realizam uma “reforma agrária pacífica”, oriunda da iniciativa particular, efetuando, ao mesmo tempo, uma concentração das parcelas dentro da colônia. Ambos os fatos chamaram a atenção das autoridades brasileiras competentes, sendo julgados exemplares. (ELFES, 1971, p. 69).

Os resultados da iniciativa da Agrária, combinados com iniciativas individuais de alguns suábios que arrendavam áreas posteriormente adquiridas, podem ser vistos na seguinte tabela:

TAB. 1

| Área da propriedade | 1964 | | 1971 | |
|---------------------|-------------------------|----------------------|-------------------------|----------------------|
| | Número de proprietários | Porcentagem do total | Número de proprietários | Porcentagem do total |
| Abaixo de 20 ha | 197 | 51,7 % | 19 | 8,2 % |
| Entre 20 e 50 ha | 136 | 35,7 % | 63 | 27,3 % |
| Entre 50 e 100 ha | 30 | 7,9 % | 53 | 22,9 % |
| Acima de 100 ha | 18 | 4,7 % | 96 | 41,6 % |
| Total | 381 | 100,0 % | 231 | 100,0 % |

Fonte: (ELFES, 1971, p.66-67)

Elfes também cita quatro projetos de aquisição de áreas que somavam 6.600 hectares. Parte dos recursos do projeto era oriundo da própria cooperativa e parte obtida por meio de financiamentos com juros reduzidos junto ao BRDE (Banco Regional do Desenvolvimento do Extremo Sul) e do Banco do Brasil. Para ele, as dimensões e o formato das novas áreas, além de (...) *tirar as famílias minifundiárias de seu aperto territorial (...) permitiam um trabalho dentro dos mais modernos conhecimentos tecnológicos, relativamente à conservação do solo (...)*. (ELFES, 1971, p. 66-7)

Cabe lembrar que essa reestruturação agrária estava relacionada ao contexto do processo denominado “Revolução Verde.” De acordo com Romeiro (1998, p.70), trata-se de um (...) *modelo de modernização agrícola cuja difusão em nível mundial ocorreu principalmente a partir de 1960 (...)*, que se caracterizava pela monocultura mecanizada com larga utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos.

Na colônia, esse modelo também passou a ser aplicado na produção de trigo. Se, até aquele momento, para Elfes (1971, p.73), a produção do cereal mostrava (...) *resultados pouco satisfatórios*, a partir de então, aumentou. Isso também se deu, em grande medida, pela política agrária federal que estimulava a triticultura com créditos bancários e garantia de preços.

A partir de 1966, Guarapuava alcançou o oitavo lugar na produção de trigo entre os municípios brasileiros. A política agrária do governo federal manteve a cotação do trigo (...) desde os fins da década de cinquenta, a mais ou menos US\$ 100,00 por tonelada do cereal, enquanto que, no mesmo período a cotação mundial oscilava entre US\$ 55,00 a US\$ 60,00. Ao mesmo tempo a maquinaria agrícola experimentou uma baixa em consequência da política governamental de impostos. Um mesmo tipo de trator que, por exemplo, tinha custado em 1962, DM 35.000,00, custou em 1970, apenas DM 25.000,00. Daí ter sido facilitada ao agricultor, a mecanização do trabalho agrícola. (ELFES, 1971 p. 76).

Além disso, por meio de um acordo entre o governo brasileiro e a República Federal da Alemanha, a cooperativa recebeu como doação máquinas e também produtos, como fertilizantes. Também foram providenciados recursos para aquisição de calcário, utilizado na correção e fertilização do solo. A Agrária então revendeu as máquinas para os cooperados, sendo que o dinheiro recebido foi utilizado, por exemplo, para a construção e manutenção da Escola Dona Leopoldina (GORA, 2005). Além disso, os convênios possibilitaram o envio por parte do Serviço Voluntário Alemão (DED), de uma professora para ministrar durante dois anos aulas de língua alemã e (...) *duas educadoras domésticas para a instalação e o desenvolvimento de jardins de infância*. (ELFES, 1971, p.86)

Desta forma, temos no contexto da “Revolução Verde”, os subsídios do governo brasileiro em conjunto com a ajuda da Alemanha, bem como as mudanças na administração da cooperativa, encabeçada por Mathias Leh. Esses elementos possibilitaram o aumento da produção e da área cultivada dos suábios.

Os sucessos obtidos pela nova gestão da Cooperativa Agrária passaram a ser apresentados de forma vigorosa nas comemorações da fundação da colônia, principalmente em intervalos de cinco anos. Neste sentido, em 1971, nas comemorações do vigésimo aniversário de Entre Rios, acontece a publicação do livro de Albert Elfes, *Suábios no Paraná*, e em 1976, em função dos 25 anos, o livro *Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana*. A leitura destas duas

publicações permite perceber, além do desenvolvimento econômico da colônia, a concepção do seu sentido histórico, inscrito em narrativas que se instituem também como indicadoras da identidade suábica.

As 40 páginas iniciais do livro de Albert Elfes apresentam mensagens de políticos, como o Governador do Paraná, de religiosos, como o Bispo de Guarapuava, os cônsules da Áustria e da República Federal da Alemanha, membros da cooperativa, entre outros, congratulando a colônia pelo seu aniversário. Ao total são 30 mensagens, cujos conteúdos estão permeados por representações que constroem a identidade suábica principalmente por meio de uma história comum.

No preâmbulo do livro, Mathias Leh informa que o objetivo é relatar o desenvolvimento da colônia entre 1951 e 1971. Para Leh (1971, p.11), o relatório deve contribuir para (...) *retificar distorções surgidas* (...). Não há a indicação de quais distorções teriam que ser corrigidas pelo livro. Mas pode-se especular que, se na sua gestão à frente da cooperativa ele procurou corrigir os rumos da colônia, o livro seria também um instrumento que serviria para homogeneizar determinada narrativa da colônia, formando assim a sua memória oficial.

O autor do livro é caracterizado como um (...) *agrônomo alemão independente, conhecedor dos problemas da agricultura do Brasil, não pertencendo ao grupo dos suábios do Danúbio e, portanto, neutral* (LEH, 1971, p.11). Trata-se de estabelecer a posição do autor como alguém habilitado para a tarefa e principalmente ser de fora da colônia, o que permitiria legitimar uma pretensão de isenção em relação às possíveis distorções na memória dos depoentes, ou na forma de analisar os documentos. Acerca disso, Leh observa que o autor obteve pleno acesso aos arquivos da cooperativa, mas o material mais importante são os questionários preenchidos pelos colonos.

Pode-se indagar então acerca da característica dos questionários e, principalmente, da possibilidade do colono objeto do questionário tentar imprimir nele sua visão da colônia. Pois, como sabemos, nem autor e nem as testemunhas podem ser caracterizados como *neutros*. Ambos, em diferentes graus, participam da produção de sentido do acontecimento narrado.

Outro aspecto presente no texto de Leh é a concepção de que o relatório não deve servir apenas para contar as agruras do passado e a forma como foram vencidas. O livro deve ser encarado como um (...) *balanço intermediário no caminho para um futuro promissor* (LEH, 1971, p.11). Assim, de certa forma, sendo realizado por uma pessoa legitimada como *neutra*, o livro é uma espécie de prestação de contas da colônia e da gestão de Leh. Também se inscreve na reafirmação e legitimação dos projetos para o futuro de sua gestão.

Ao final do preâmbulo, Leh afirma que (...) *este estudo não quer ressaltar a obra de alguns, mas honrar a da comunidade, efetuada em espírito cooperativo* (LEH, 1971, p.11). Portanto, trata-se de uma edição que visa congratular o grupo, os feitos da coletividade e não aqueles individualmente executados. Isso insere o texto de Elfes como sendo uma história dos homens e mulheres suábias vivendo em sociedade e, assim, reafirma o sentido coletivo da caminhada do grupo no tempo.

Em 1976, por ocasião das comemorações dos 25 anos da colônia, foi publicado o livro intitulado *Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana*. Como o título indica, o livro é formado por fotografias acompanhadas de pequenos textos explicativos redigidos nas línguas alemã e portuguesa. A redação em língua alemã foi realizada por Jakob Lichtenberger, a produção e tradução para língua portuguesa por Karl Leh, Herbert O. Koenig e Josef Lehmann. As fotografias são de Karl Schäffer, W. Jesco von Puttkamer e Franz Hermann.

De acordo com Karl Leh (2007), sobrinho de Mathias Leh, o objetivo era elaborar um texto diferenciado daquele das comemorações dos 20 anos da colônia.

Nós tínhamos o material escrito para as comemorações dos vinte anos da colônia, que era, talvez, de um nível técnico mais elevado. Era o livro de Albert Elfes intitulado “Suábios no Paraná”. Para as comemorações dos 25 anos, nós estávamos procurando alguma coisa nova, não queríamos ir pelo mesmo caminho de Elfes. Queríamos fazer um documentário visual, que atingisse um público maior, pois o livro de Elfes era um pouco elitista em alguns temas abordados (LEH, 2007).

A primeira imagem é um mapa que mostra regiões do Sudeste europeu de onde vieram os colonos de Entre Rios (*Ehemalige Heimatgebiete der Siedler von Entre Rios*), seguida do prefácio, cuja primeira frase indica o “motor” da história dos suábios, pelo menos até a publicação do livro: as guerras. Vejamos o texto.

Guerras interferem profundamente na vida dos povos. Afirmação válida também para as guerras do império austro-húngaro contra os turcos, ocorridas entre 1683 e 1718, e que resultaram para a Áustria numa expansão territorial e no estabelecimento de condições para a emigração de alemães, os atuais suábios do Danúbio de suas terras de origem junto ao Reno Meno e Danúbio. Radicaram-se no baixo Danúbio, junto ao Theiss e ao Marosch. (...) Nas primeiras décadas muitos colonos foram dizimados por epidemias nas regiões pantanosas das baixadas panônicas; não obstante, o espírito pioneiro dos sobreviventes permaneceu inquebrantável. Nos 250 anos de obra colonizadora transformaram uma terra até então escassamente aproveitada num celeiro da Europa. (AGRARIA, 1976).

Embora tenham experimentado reveses, inclusive a morte de muitos, o texto apresenta algo que não é derrotado: “o espírito pioneiro” deste povo. No final do trecho, pode-se traçar um paralelo entre o ambiente que eles encontraram na região do baixo Danúbio com o dos campos de Guarapuava: o subaproveitamento das terras e a sua transformação em solos altamente produtivos. Lá, para alimentar a Europa e aqui para produzir, principalmente, trigo para os brasileiros.

O segundo parágrafo inicia com a Primeira Guerra Mundial. Entretanto, há apenas a afirmação de que após o conflito, a área onde os suábios viviam foi repartida entre Hungria, Iugoslávia e Romênia. O parágrafo trata então da Segunda Guerra Mundial, ou melhor, do final dela, da seguinte forma:

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando avançava o Exército Vermelho, muitos suábios do Danúbio, da Romênia, Hungria e Iugoslávia abandonaram as terras onde se haviam radicado, fugindo rumo a oeste, tão somente para salvar suas vidas. A maioria dos alemães que permaneceram na Iugoslávia por sua fé, morreu nos campos de extermínio comunistas. (AGRARIA, 1976).

Como nos dois conflitos anteriores, não há a descrição dos mesmos nem o papel desempenhado pelos suábios. Nestes episódios, eles são atores passivos. Sua participação não se dá pela opção em algum lado do conflito, mas em função de um motivo religioso. Eles são novamente identificados como os defensores da cristandade, identificação que permanece no tempo e, portanto, nas gerações que se seguem. Antes, contra os turcos otomanos e na Segunda Guerra contra exército vermelho, representados como inimigos da cristandade.

O terceiro parágrafo afirma que, após *anos de desalento acendeu-se em 1951 uma chama de esperança para uma pequena parcela dos refugiados na Áustria* (AGRARIA, 1976). A chama é representada pela *Schweizer Europahilfe*, que encaminhou as 500 famílias para o município de Guarapuava, onde sob a direção de Michel Moor foi fundada a cooperativa Agrária. Ao final do parágrafo, é reforçado o papel da cooperativa como grande suporte aos colonos na nova terra: (...) *Foi a Agrária que assistiu os colonos em suas fases de privação e continua hoje a garantir e coordenar os interesses econômicos, sociais e culturais da comunidade* (AGRARIA, 1976).

Ao final do prefácio é apresentado o objetivo do livro, como sendo uma (...) *tentativa de documentar vida e realizações dos colonizadores suábios em sua nova pátria* (AGRARIA, 1976). Neste caso, documentar é também prestar contas aos leitores suábios, em língua alemã, e aos leitores brasileiros, daí a língua portuguesa. Procura-se demonstrar a gratidão ao Brasil, bem como as vantagens para o país que esta colonização proporcionou:

(...) Os órgãos governamentais brasileiros deram todo apoio aos imigrantes, abrindo-lhes todas as possibilidades para uma nova existência. Em 25 anos de colonização de Entre Rios, os pioneiros têm demonstrado, no planalto central do Paraná, que se fazem dignos das mãos que lhes estendem entidades governamentais brasileiras e européias. Seus conhecimentos técnicos, seu espírito empreendedor, sua aplicação e tenacidade deram início ao “Milagre do Trigo” no Paraná. Ainda hoje é notável a contribuição dos camponeses suábios na produção agrícola em sua nova pátria, o Brasil. (AGRARIA, 1976).

O restante do livro é composto por 173 fotografias que são acompanhadas por pequenos textos que mostram o sentido que se deve extrair das mesmas, da mesma forma que as do livro de Elfes. No entanto, nesse livro, a narrativa busca retratar a história dos suábios desde o período em que os antepassados dos colonos viviam na Europa.

De maneira semelhante aos discursos produzidos por ocasião das comemorações do centenário do Paraná, as duas obras constroem um sentido comum, uma memória comum dos suábios que fundaram a colônia e de seus descendentes. Não se trata somente de inferir sentidos sobre o passado, mas também sobre o futuro, ou melhor, acerca das expectativas de futuro. A elaboração destas narrativas identitárias é feita a partir de um determinado presente (1953, 1971 e 1976), de onde partem leituras sobre o pretérito e sobre o devir que constroem, dessa forma, uma identidade suábia-danubiana na Colônia Entre Rios.

HISTORY AND ETHNICITY: NOTES ABOUT THE PRODUCTION OF IDENTITY NARRATIVES IN A COLONY OF SECOND WORLD WAR REFUGEES IN PARANA

Abstract

Entre Rios Colony, located in the city of Guarapuava, Parana State, Brazil, arose in 1951 from the arrival and establishment of refugees from Second World War, known as Danube Swabians (*Donauschwabern*). In the Parana State, there is a production and

reproduction of narratives that aim to preserve that identity. This text shows some of this narratives that produce identification Danube-Swabian this colony.

Keywords: Danube Swabians; entre rios colony; identity.

Referências

ABECK, Helmuth. **Entre Rios – Neue Heimat**. Ijuí: Empresa Jornalística Ulrich Löw S. A. 1973.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. Símbolos e Monumentos: As comemorações de emancipação política do Paraná nos Logradouros de Curitiba. Ponta Grossa: **Revista Publicatio UEPG**: Vol. 14, n.º 1, junho de 2006. p. 7-20.

COOPERATIVA AGRARIA ENTRE RIOS LTDA. **Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana**. Campinas: CARTGRAF Ltda. 1976.

DUCAT, I. MITTERER, S. SZABO, C. **Suábios do Danúbio: Tradição, cultura e educação**. Monografia (Curso de Pedagogia) Guarapuava: UNICENTRO, 1992.

ELFES, Albert. **Suábios no Paraná**. Curitiba: [s.n.], 1971.

FRÖSCH, Max. **Guarapuava: Die Donauschwäbische Flüchtlingssiedlung in Brasilien**. Freilassing: Pannonia Verlag, 1958.

PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná 1853-1953**. Curitiba: Edição do Governo do Estado. 1953.

PARANÁ. **Atividades da Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná**. Curitiba: Edição do Governo do Estado. n.º 2. julho de 1953.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.109.

KOHLHEPP, Gerd. Espaço e Etnia. In: **Estudos Avançados**. Vol. 5, n.º 11. São Paulo: USP. Janeiro/abril de 1991.

LEICHT, Sebastian; VETTER, Roland. **Donauschwaben in Brasilien**. Passau: Verlag Passavia. 1982.

Revista **Ilustração Brasileira**. Edição Comemorativa do Centenário do Paraná. Ano XLIV, N.º 224. Rio de Janeiro: Edição da S. A. “O Malho”. 1953.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio Ambiente e Dinâmica de Inovações na Agricultura**. São Paulo: FAPESP, 1998.

WILK, Inge Annemari, REMLINGER, Madalena Jung. **A História dos Suábios do Danúbio e o Desenvolvimento de Entre Rios nos seus 35 Anos**. (Monografia) Guarapuava: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras. 1986.

SENZ, Josef V. *Die Donauschwaben – der jüngste deutsche Neustamm*. In: SCHMIDT, Stefan; SENZ, Josef V. ; SONNLEITNER, Hans (Herausgegeben) **Bayerische Donauschwaben donauschwäbische Bayern. Dreißig Jahre Landmannschaft der Donauschwaben aus Jugoslawien Landesverband Bayern e. V. 1949-1979**. München: Landmannschaft der Donauschwaben aus Jugoslawien Landesverband Bayern. 1979. p. 11-17.

Entrevistas

LEH, Karl. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Vitória: 13 de outubro de 2007. A.A.

GORA, Anton. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Entre Rios, 08 de agosto de 2005. A.A.

ODEBRECHT, Rolf, ODEBRECHT, Renate S. **Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein**. Blumenau: 26 de agosto de 2005. A.A.

Site da Internet

<http://www.agraria.com.br>. Acesso em 13 de março de 2007.

Data de recebimento: 07/06/2010

Data de aceite: 21/06/2010